

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2424

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 1926

A protecção à lavoura e os prejuizos que dela resultam para o consumidor

Publica hoje *A Batalha* noutro local uma nota oficiosa do ministério da Agricultura para a qual chamamos a preciosa atenção dos nossos leitores, não pela doutrina fundamental que a inspira, mas pelas revelações que faz que são curiosas e confirmam até certo ponto alguma coisa do muito que temos escrito sobre os processos indecorosos de que se servem o comércio, a indústria e agricultura para enriquecerem à custa da miséria do povo.

Diz a referida nota, e com razão, que a Agricultura, devido à condescendência dos governos, tem sido dispensada uma protecção excepcional. E, segundo se depreende ainda da redacção da aludida nota, o povo poderia, se não houvesse essa protecção, pagar o pão mais barato do que está pagando. Portanto, a protecção dispensada safu e continua saindo da pele do povo.

Mas não se sente satisfeita a Agricultura porquanto protesta contra a fiscalização que sobre ela ora se exerce, em harmonia com o último decreto sobre assambarcamento. O Sindicato Agrícola de Serpa enviou um telegrama ao ministério da Agricultura protestando contra umas perseguições exercidas sobre assambarcadores que diz não terem assambarcado azeite. Mas, segundo as informações do respectivo ministério, isto, existe o assambarcamento. Não seria mesmo necessá-

rio que o ministério o afirmasse; o povo sente dolorosamente a especulação que se está fazendo com esse género de primeira necessidade de que não há tabelas que o façam embaratecer. As lamúrias da Associação Central de Agricultura e dos Sindicatos Agrícolas não nos comovem. Mais facilmente têm como visto os governos que, a-pesar das notas oficiais violentas e das fiscalizações apertadas, ainda concedem e mantêm situações de privilégio à agricultura com evidente e confesso prejuizo do público.

Não basta que o ministério da Agricultura tenha a coragem de confessar que a lavoura está vivendo da protecção do Estado em detrimento do consumidor. Essa confissão, que registamos com prazer, demonstra que o Estado tem a consciência da immoralidade existente. E' preciso ir mais além e eliminar essa immoralidade, acabando com uma protecção que vem custando ao povo milhares de contos.

Se o ministério da Agricultura reconhece que o povo poderia comer o pão mais barato, e melhor, desde que cessasse a protecção imerecida a essa lavoura nacional que assambarca os géneros e os encarece propositadamente, porque não lhe retira essa protecção?

Quais são os interesses que devem ser atendidos de preferência, os dos assambarcadores ou os da população faminta e explorada?

AS VITÓRIAS DA IGREJA

A' premeditada proissão de Catilhas vai suceder-se uma outra nas Merces

No dizer de Max Nordau é a religião católica, a mais poderosa, e pelos seus efeitos desde o seu aparecimento sobre a terra a mais nefasta das instituições que o passado nos legou: é um amontoado de hipóteses, de mentiras e de hipocrisias.

Diz Meslier: A religião funda-se em princípios que não passam de arrojadas suposições fantasistas pelo entusiasmo e pela fé, aceites pelos tímidos, mantidas pelo hábito que não discorre e reverenciadas principalmente por quem nada disso percebe: a religião não passa dum edifício aéreo, dum tecido de quimeras e contradições.

Os teólogos dizem que o homem é constitutivamente religioso, e que a ideia religiosa é inata nele.

Spencer prova vitoriosamente o contrario. Para isso cita o dr. Ritto, autor dum livro sobre os órgãos dos sentidos, o qual diz que várias creaturas surdas-mudas, inteligentes, educadas já na idade madura, interrogadas sobre esta matéria, foram unânimes em responder que nunca a seu espírito se apresentara a ideia de que o mundo tinha um criador. Cita Samuel Smith que sempre viveu em contacto com surdos-mudos, o qual diz que nunca encontrou um surdo-mudo, não educado, que tivesse a menor ideia dum ser supremo, criador e senhor do universo. Cita viajantes ilustres, de critério confirmado, alguns mesmo religiosos, que nos seus relatos confessam ter encontrado muitos povos selvagens que não têm ideia alguma de religião.

Além destas, outras citações se poderiam fazer, mas não é preciso porque está provado à evidência que a ideia religiosa, hoje mais activa do que há duas décadas, não é inata no homem, nem tem uma origem sobrenatural.

A religião é a crença na existência dum ou mais seres supremos, criadores e aniquiladores que tudo podem e tudo determinam. Em volta desses seres outros há subalternos, tendo, porém, a faculdade de intervir junto do ou dos chefes, influenciando o seu procedimento num ou outro sentido.

No entanto, aqueles que quais misérsos mortais deslizes últimos necessitam, só quasi directamente se lhes podem dirigir, uma vez que para estar nas suas boas graças, ou boas graças do chefe supremo — o Deus todo misericordioso — é necessário antes de tudo estar nas boas graças dos seus agentes — os padres — sem o que por mais forte que seja a fé religiosa ou mais arregada a crença, nada se consegue ou adquire. Pode Deus lá do alto onde eles o colocaram a sua vontade e conveniência, ter preferência por este ou aquele dos seus filhos, que isso não é o bastante, para que ele possa receber os seus benefícios ou a sua preferência, pois que antes da sua preferência a-pesar de todo o seu imenso poder, está a preferência ou vontade do papa, do bispo ou do padre, que excomungam quando lhes apaz e amaldiçoam quando lhes apetece. Sim! Porque reverendos carolais, ainda que isso vos custe muito mais que vos custou a morte do vosso Jesus, morte que vos ajuda a governar a vossa vida, eu não posso atribuir a Deus a excomunhão maliciosa que vós vos dades a excomungar da humanidade. Ferrer, aos precursores da Liberdade, como Gomes Freire, António José da Silva e tantos outros; aos mártires da ciência como Giordano Bruno, Galileu, e ainda aos milhares de filhos do povo que numa fúria louca tentados massacrados.

A excomunhão como todas as outras penalidades com que vós os padres atemorais os que da igreja se acercam, entre as quais avulta a negação do céu, onde ainda que a sua existência se provasse não esperades entrar, é por assim dizer o mais forte pilar de toda a religião; foi aí que ela fez os seus aliteres e é aí onde ali que mantem toda a sua força e esplendor. O indivíduo hoje como há dois mil anos não é religioso, é quando muito conservador, ou melhor medroso, e só com receio do castigo anunciado é que continua a ir à missa, a frequentar a igreja e a fazer a sua confissão.

Há vinte séculos o indivíduo era religioso tal e qual como hoje, a parte uma pequena variante, pelo instinto egoísta do bem estar. Se todas as coisas correspondessem sempre aos seus desejos; se esses desejos fossem sempre satisfeitos; se os seus planos nunca tivessem abortado; se a experiência não o tivesse ensinado a temer, as ideias religiosas nunca teriam existido, nem a fé em poderes superiores se teria manifestado.

Se a natureza se lhe tivesse mostrado sempre em sentido favorável fornecendo-lhe tudo que ele precisa para as necessidades da vida e para satisfação dos seus gozos, ele nada mais ambicionaria e viveria sem que a ideia religiosa lhe tocasse o espirito. Mas como ao mesmo tempo que a natureza o favorecia com dons de alto valor, como são o sol, a água, os alimentos, o vestuário e o abrigo em que se resguarda, o mimosega com brindes que o aterroram e contra os quais se via sem defesa, como as tempestades que lhe arrazavam os campos, o temporal que lhe destrua a habitação, o raio, o incêndio, as inundações, a mortinha nos gozos, o tremor de terra, a doença e a morte, fez-se religioso, crente e temeroso. Não podendo compreender o autor de todas essas façanhas fosse diferente dele, imaginou-o à sua imagem e semelhança, embora infinitamente mais poderoso; personalizou-o e procurou humilde e apaziguá-lo as cóleras, dispôs-o em seu favor. Adulou-o suplicou-lhe quando se viu perseguido pela força dos elementos e agradeceu quando se viu beneficiado.

O indivíduo desse tempo fez preces, fez ofertas, fez sacrificios, empregou todos os meios ao seu alcance para provar ao ser invisível que o temia, que o considerava e que a ele se humilhava; tal e qual como presentemente, a ideia religiosa, era o medo, o egoísmo e mais nada.

O indivíduo actual, quanto diferente no trajear e na sciencia, é contudo o mesmo nos costumes. Muito embora já não adore

A morte do socialista norte-americano Eugene Debs

As concepções socialistas de Eugene Debs, agora falecido, causam a adversidade e a polémica dos que, como nós, entendem bastante falível a acção legal em favor da emancipação do proletariado.

Mas Eugene Debs era um homem de grande e respeitável honestidade, e a sua vida tão simples bem merece uma vez extinta, algumas palavras de apreço, pois ele foi um apóstolo de ideais humanos e justos, invariavelmente coerente com as suas doutrinas.

Duas fases da vida de Eugene Debs tiveram a admiração dos próprios adversários, ao mesmo tempo que desafiava a cólera dos burgueses e dos capitalistas.

Uma dessas fases foi a sua ardente actividade na campanha contra a guerra, contra a entrada dos Estados Unidos na pavorosa conflagração. O governo perseguiu-o violentamente, acusando-o de sedição e fazendo-o lançar nas prisões, com uma condenação que a sua idade tão avançada e a sua saúde tão abata não suportava.

O sacrificio deste proslito da bondade decorreu ante o silencio cômico dos socialistas, na América como em toda a parte, servilmente prosternados à sociedade capitalista. Debs saiu da prisão há dois anos, sem ter obtido um único acto de justiça que lhe minorasse a tortura.

A outra fase notável na vida de Eugene Debs foi a sua campanha em favor da libertação de Sacco e Vanzetti. Na tribuna e na imprensa, a figura do socialista erguia-se, clamando a inocência dos dois anarquistas vítimas do odio da burguesia.

Eugene Debs foi sempre um modesto operário e um grande orador. Nasceu em Terra-Alta, no estado de Indiana, em 1855. Foi maquinista e fogueiro, notabilizando-se na greve ferroviária em 1894, sendo preso e condenado a seis meses de cárcere.

Depois, participou da fundação do partido social-democrata, que tão má conta dá de si. A vida política de Eugene Debs já pouco nos interessa, se bem que haja sido notável a sua opposição aos próprios correligionários, tão acomodaticios que pareciam apostados em deslustrar a vida de luta incessante do chefe socialista norte-americano.

Deus como o do passado, nem porisso deixa de velhaca e mentirosamente fingir que o adora, se não para salvar a sua alma como hipocritamente afirma, pelo menos para resguardar seu corpo, como clinicamente esconde. Quem frequenta hoje a igreja e mais ostensivamente se diz religioso, é o rico, o capitalista, aquele que a custa dum trabalho não pago, dum exploração violenta e ignóbil tem conseguido amellar fortes fortunas, e isto, porque a ela os seus interesses estão ligados, uma vez que quanto mais forte é o poder da igreja, tanto mais forte é a cadeia que nos algema o pensamento e a escravidão a que estamos julgados e sujeitos.

Raramente succede o caso dum grande explorador, industrial, comerciante ou banqueiro não ser um bom católico, e se não, procuremos ao reverendo Angelo Firmino da Silva, quais as intenções da procissão do dia 1, e quem são os seus auxiliares; que ele em boa verdade vos dirá, serem taberneiros, comerciantes, proprietários ou simples ignorantes que, pelo simples temor ao amo ou senhor, se deixam arrastar à prática de actos que os bestializam e comprometem e que a procissão não visa a evitar a miséria que campeia em todo o conchelo ou a destruir a immoralidade que lava por todo o país, não, o seu fim é outro: provar que a igreja não dorme e que ainda tem quem a sirva.

Chamaria mesmo a vossa atenção para a procissão que em vossa presença já realizou, a dois passos do vosso baluarte, na igreja de São Paulo e ainda para a outra que em breve contem realizar na igreja das Mercês, e para o silencio ou protesto platónico da Maçonaria, da Associação do Registro Civil que se dizem anti-religiosas. Sim! tudo isso lino o tal reverendo Silva, o praticante Lino Neto ou os auxiliares de Catilhas.

O que ele não diria de-certo, é o motivo porque nunca como agora a igreja se mostrou tão arrogante e atrevida e tão disposta a pôr na rua cédegas, que nós desafiámos pelo ridiculo que causam e pela graça que nos metem, ao constatar-mos a contradição que há entre elas e as sagradas escrituras. Não! De sobejo conhecemos os motivos que levam a igreja à prática de paradas e os religiosos à sua colaboração. É necessário destruir as parcas liberdades que a multidão dos deserdados e dos famintos já disfruta, entre as quais, e como a de maior valia, o horário de trabalho. Negar-lhe o direito já conquistado ao lauto banquete da vida, aos gozos que outros já disfrutam, e para isso, nada mais útil, nem de melhores resultados de que escancarar as igrejas, passear as suas estatuas pelas ruas e levar o povo até à submissão pura e completa nas mãos do padre, nas unhas do verdugo.

Já inventaram milagres. Já descobriram novos santos. Já concederam ao proletariado as linhas com que se remediava; que lhes falta agora? Procissões t-las há! Que não abandone a taberna, que não perca o futebol que não esqueça do clube e que despreze o sindicato que nada lhe faltará: nem procissões, nem fome, nem uma situação que o domine. Pois que eu, por minha parte, deixo ao prior de Catilhas a faculdade de passear, trazer a tomar ar, os pobres santinhos que o homem modelou e ele e outros para governo da igreja... ali tem enclausurado; e isto note-se, por que sou amigo da Liberdade... e creio que os santinhos também a ela têm direito, no entanto que se não esqueçam de lhe mandar cortar o cabelo à garçonne, pôr a saia pelo da perna e decotar o casaco até ao colo.

P. E.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

SOB O REGIME DE PROMESSAS

Milhares de trabalhadores aguardam que a Câmara Municipal de Lisboa dê início ao plano de trabalhos em que diz estar empenhada

Há dias, numa entrevista concedida a um redactor do *Diário de Lisboa*, o coronel sr. Vicente de Freitas disse que a Câmara Municipal de Lisboa estava empenhada em dar realização a um plano de trabalhos que datariam a cidade de grandes melhoramentos.

Discreteando sobre esse plano de trabalhos o presidente da comissão administrativa do Município falou em largas obras de fomento, na transformação de ruas e na conclusão de alguns mercados, dando-nos a impressão de que materializava o pensamento da vereação iriamos entrar num período de abundância de trabalho.

Nunca seremos nós que contrariáremos semelhante pensamento. A crise de trabalho, aguda como é, faz-nos aplaudir esse pensamento porque ele vai ao encontro dos desejos manifestados há muitos meses nestas colunas.

Há uma legião numerosa de trabalhadores que quer trabalhar e não tem em quê. Há muitos meses que nos seus lares não há alegria. A paralisação de trabalho na fábrica onde o chefe de família exercia a sua missão trouxe o luto para o lar. Todos os recursos exgotaram-se já. O único recurso será o recurso desonesto punido por lei.

Um dos recursos considerados inverossímiles em ocasiões normais foi agora posto em execução: a passagem de prolições.

Muitos operários pertencentes a indústrias prósperas no estado normal e que há meses estão decadentes, lançaram mão do trabalho em prolições para não têm vocação nem deram aprendizagem. Há corticeiros em rudes trabalhos e há operários de profissões distintas deambulando por profissões diferentes.

Este movimento emigratório teve por origem a crise de trabalho e veio provocar um desequilíbrio nas indústrias congestionando as providas de trabalho e aliviando as que tem falhas dele.

O que se operou como indústrias deu-se também com as localidades. Há cidades em que a crise foi mais violenta. Especialmente no Algarve esse fenómeno verificou-se com maior densidade. As indústrias piscatórias e conserveiras accossadas pelo cataclismo da crise, paralisaram. E a população de toda a

faixa algarvia para fugir à fome emigrou para os grandes centros.

Lisboa foi uma das cidades que recolheu esses famintos. Lisboa é a praça forte, é onde melhormente se podiam refugiar esses evadidos de dantescas regiões. E foi sobre Lisboa que caiu impiedosamente esse turbilhão. Porisso as indústrias citadinas lutam com a crise de trabalho e com o exodo de trabalhadores fugidos à fome.

Como somos contra todo o subsídio para os desempregados por que ele desenvolve a preguiça, reclamamos para esses desgraçados trabalho.

Não é possível viver-se honestamente dentro desta situação. As indústrias não florescem porque não há capacidade de compra. O comércio não desenvolve as suas transações porque o consumidor não possui recursos monetários.

E' mister para acudir à fome a abertura de trabalhos públicos, os quais dando capacidade monetária a essa legião que estorja de fome abriria uma clareira de vida em todo o movimento económico.

E quem pode melhor do que a Câmara Municipal de Lisboa abrir esses trabalhos? E quem melhor do que o Município estará à altura dessa missão?

A' Câmara nada lhe falta: nem prerrogativas nem recursos financeiros. Está ao abrigo das suas funções o aformoseamento da cidade e a adopção de grandes melhoramentos. E foi, por um grupo financeiro, apresentado um projecto de grandes obras no Parque Eduardo VII que o dotariam de palácio de exposições, palácio de indústria, pavilhão de vários divertimentos, arborização, um lago, ampliação da estufa, etc., etc.

Bastava para o efeito que a Câmara fizesse as condições em que se poderiam realizar essas obras. Depois disso o início dessas obras e o emprego desses desgraçados não têm trabalho.

Falou o coronel sr. Vicente de Freitas em transformações na cidade. Pois bem. Essas transformações que começam quanto antes porque por elas aniquilam milhares de trabalhadores que querem viver.

Enquanto essas transformações se não fizerem, mal vai a vida desses desgraçados porque é uma vida erigida de misérias.

NOTAS & COMENTARIOS

A cura do cancro

Num congresso de medicina recentemente realizado em New-York em que estiveram representados os principais institutos científicos da França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Suecia, Bélgica e os Estados Unidos para estudar a origem e natureza do cancro, chegou-se à seguinte curiosa conclusão: «que o cancro não é devido a nenhum agente vivo, microbio ou parasita vindo do exterior, como se dá com outras doenças infecciosas e microbianas, ou ainda a um destes seres infinitamente pequenos e invisíveis que se conhecem por ultra-virus. O cancro não é uma doença contagiosa e antes parece que o cancro é uma doença nos pequenos elementos que compõem os nossos tecidos a que se chamam células e cuja vida intima pode ser alterada por causas múltiplas. Esta doença não pôde ser considerada como uma doença hereditária. Discreta sobre a cura do cancro, os congressistas concluíram por acordar que os únicos tratamentos são o cirurgico e a dessecção do tumor pelos raios X, e que no estado inicial o cancro é curável bastando para isso que o diagnóstico se faça a tempo.

Também sobre a cura da tuberculose há muito que Grancher disse que a tuberculose é de todas as doenças crónicas a que mais vezes e mais facilmente se cura. E alguns fisiólogos a confirmam essa asserção peroraram que a tuberculose, feito o diagnóstico precoce, é curável numa percentagem de casos nunca inferior a 80 por cento!

Todavia o computo anual de tuberculosos mortos é de 20.000. E porque? Porque as condições económicas da população não permitem as exigências de um tratamento moroso como é o da tuberculose. E' o que sucederá amanhã com o cancro.

Aniversários

Completou o primeiro ano de publicação o *Arquivo do Enfermeiro*, valiosa revista profissional dos enfermeiros portugueses, que com grande brilho vem sendo dirigida pelo nosso amigo Pereira Bento. Com os votos de que prossiga na sua educadora obra *A Batalha* envia ao *Arquivo do Enfermeiro* as mais calorosas saudações.

A venda do peixe

Foi a Batalha um dos raros jornais que se referiu ao assambarcamento do peixe por parte dos armadores, o que levou o sr. Sebastião Cristóvão a declarar-nos que a escassez do peixe e o seu concomitante encarecimento se deve ao facto de no Entrepósito de Santos não poderem descarregar mais do que três barcos por não ter base para mais. Contestando esta afirmação veio em comunicado a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra dizer ao público que era menos verdadeiro o que nos afirmava aquele armador sobre o encarecimento do peixe, pois não havia muito bem descarregado em Belém alguns barcos de pesca, passando ali a ser feito a lota. E durante uns dias sobre a venda em toda do peixe nada se disse.

Agora, segundo referem os jornais, o ministro da Marinha, depois de visitar o Entrepósito de peixe de Santos e a Base dos Submersíveis em Belém deu a entender que o entreposto do peixe passaria para esta doca depois de feitas as necessárias transformações.

Oxalá que a ideia se materialize para vermos depois quais são as desculpas do assambarcamento do peixe.

O caso do «pantopon»

O caso do uso de empolas «pantopon» em que se encontra envolvido a esposa do dr. Drumond Borges, seguindo informações que vieram até nós, vai merecer as atenções da policia de investigação, estando já o seu director dr. João Eloi examinando todas as peças accusatórias do processo.

Também nos informam que altas influen-

cias se movem para que não se faça a luz devida sobre este vergonhoso caso, certamente para se praticar a tremenda injustiça de condenar aquelas pessoas arguidas de venda clandestina de empolas «pantopon» e que estão afiançadas.

Com serenidade aguardamos o desenrolar dos acontecimentos para nos pronunciarmos então.

Esta Moagem...

Não cessa a Companhia Nacional de Alimentação de cingir num regime opressivo o seu pessoal, não sabemos se para o lançar no desespero. Há dias esta maldita companhia, cujo nome é já por si uma tragédia, enviou para os padários uma ordem de serviço, a n.º 86, que diz textualmente em síntese: «Convido absolutamente para os interesses dos serviços desta companhia e para garantias dos direitos do respectivo pessoal, melhorar as circunstâncias de identificação do pessoal ao serviço e a daquele que de futuro seja recrutado, fica desde agora estabelecido que o pessoal presente ao serviço deverá apresentar por intermédio dos respectivos fiscais da área, duas fotografias indispensáveis para o respectivo registo, dentro do prazo de 60 dias.

Esta de «melhorar as circunstâncias de identificação do pessoal» é que não lembrava ao diabo. Que interessará ao pessoal a sua identificação, que ele fez há muito tempo? Trata-se certamente de nova armadilha da Moagem contra os seus empregados. E depois se o pessoal resistir é bokevista, é maróto...

Dr. Geraldino Brites

A Batalha publicará amanhã mais um notavel artigo do nosso presado colaborador dr. sr. Geraldino Brites, lente da Universidade de Coimbra.

O estrangeiro através do telegrafo

Conferência imperial britânica

LONDRES, 25.—A conferência imperial examinou a instituição de comunicações aéreas com a Africa do Sul e a Austrália, e do problema da imigração para a Austrália, entendendo as mesmas facilidades a outros países.—(H.).

Um «trust» de produtos químicos

LONDRES, 25.—Sob os auspícios do industrial Alfredo Mond, constituiu-se um grande «trust» de sociedades inglesas de industria de productos quimicos, com um capital de 39 milhões de libras esterlinas.—(H.).

O furacão nas Bermudas

HALIFAX, 25.—Noticias das Bermudas dizem que o furacão destes ultimos dias causou grandes estragos no porto e nas aguas adjacentes. O vapor inglês «Castway» perdeu-se, salvando-se apenas doze homens da sua tripulação.—(H.).

As vitimas em Havana

LA HAVANA, 25.—Até agora, fora enterrados nesta cidade 177 victimas do ultimo furacão.—(H.).

Amigo como sempre

PARIS, 25.—Os jornais franceses, falando das dificuldades duma reconciliação franco-alemã, declaram impossivel a evacuação imediata da margem esquerda do Reno.—(H.).

da neo-reconstrução das nações nos alicerces de Deus e da força, todas as baterias da reacção têm sido metódica e sistematicamente assestadas contra as conquistas da ciência e do bom senso. A incultura das massas e a doze e sobre a superficialidade dos pseudo-cultos têm favorecido o atentado. E as arremetidas contra os modernos processos têm vindo desenhando cada vez mais nítidas, dispondo-se assim, o meio para o salto final. Não viverá muito quem não o chegar a ver!

E' fundamental para o espirito reaccionário, a persistência e a fixação dos preconceitos e os velhos moldes da educação da mulher, que, quando tímida e ignorante, é a sua melhor arma, a sua melhor auxiliar para minar as famílias e a sociedade. Tudo quanto possa concorrer para a sua libertação, é o combate com a maior das energias e tenacidade.

Ainda se não atrevem, por prudência e táctica, a atacar a coeducação de frente, a pesar de para nós já estarem suficientemente desmascarados os propósitos contra ela. Mas note-se que ainda se não reformam o ensino primário e moral—creio não me enganar, futurando para al reserção o golpe, no entanto tudo se vai dispondo para que seja eficaz e definitivo.

Fez-se uma estreita liga entre todas as forças do pensamento antigo e dos interesses da vida do passado, confundindo tudo para estontear e despistar. Liga que não quer ver nem a luz nem a marcha fatal e inofensiva das realidades do presente a caminho do futuro, porque isso o consideram lesivo dos seus interesses mesquinhos e de curta visão.

Numa época em que a cooperação das energias humanas da sinceridade, da ciência e da beleza, seriam tão necessárias e tão úteis para esbater a noite, parece que só se procura gerar novos sofrimentos e torturas, cavar mais fundos os antagonismos de espirito não deixando esciar os ódios nem emboratar as arestas contundentes, que têm ensanguentado os séculos e inundado o mundo de dor!

Nem a coacção nem a ignorância tiveram jamais o condão de levar a sinceridade ou a virtude.

Para os que se satisfazem com exterioridades e formalismos tudo está bem; mas não assim para os investigadores, os que ainda creem no aperfeiçoamento humano, só presam a verdade científica e se não contentam com simples aparências.

Principalmente em matéria de educação sexual certas ilusões, que muitos teimam em iludir-se, só têm dado os mais desastrosos resultados.

As relações claras, dignas, o conhecimento e o respeito mútuo dos dois sexos, que tornam possível uma sociedade harmoniosa, natural e verdadeiramente humana e progressiva, só se conseguem pela coeducação racional e inteligentemente conduzida—não só na escola, como na família e em toda a vida social.

Na católica Espanha, por exemplo num ridículo exibicionismo e prurido de moralidade pública, vemos as praias de banheiras divididas, perpendicularmente às salinas ondas, por extensas cordas ainda por vezes com uma respeitável zona neutra de muitos metros, dividindo em dois extensos rechos as duas metades da espécie humana que se banham. Não sei se é proibido bi-nuclear-se mutuamente; o que é um facto é que não me consta que por isso a moralidade campegue lá mais pura que em outros países onde nas praias não há cordas; o «maillot» é de regra para homens e mulheres e uns e outros em alegre e fraterno convívio se banham de mãos dadas como de mãos dadas, material ou espiritualmente, se encontram em tantas outras situações da vida prática.

No último livro de Wensels de Morais publicou sobre costumes japoneses a pesar-de não ser escritor dos mais apaixonados pelo extremo do pensamento e portanto dos correspondentes processos educativos, narra e admira os costumes simples dos banheiros japoneses. E' bem típico e frisante o que descreve sobre a espontaneidade e natural moralidade dos nativos, e a moralidade convencional que os europeus ali introduziram. O contraste é bem elucidativo.

Em moral, como em tantas outras manifestações da vida de relação, o artificialismo e as mutilações da natureza são sempre contraproducentes. E isso é já hoje um tal axioma, que não pode ter duas interpretações diferentes, na autentica ciência de educação livre e moderna.

No entanto em Portugal, por ignorância, inconsciência, ou preguiça mental, continua-se relegando a coeducação para o rol das coisas de aplicação perigosa ou pelo menos duvidosa, dando-se assim foros de verdade adquirida e ponto de fé moral ao sensual conceito que transparece do velho ditado que diz que «não se quer a estopa ao pé do lume». Quando é certo que pelos arredores de tantos lumes desta vida se espalha constantemente poeira às mãos cheias.

Incoerências da nossa civilização e dos nossos costumes que caro infelizmente iremos pagando.

Alvaro V. LEMOS

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 3516, de 7 de Maio de 1911 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 331. Aos assinados que desejem adquirir quantidade faz-se-lhe um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Deitados à administração de B. BATHMAN

AGREMIACÕES VÁRIAS

Universidade Popular Portuguesa.—Em segunda e última convocação, realizou-se na próxima quarta-feira, 27, pelas 21 horas, a reunião da assembleia geral deste instituto, para discussão e votação do relatório e contas do conselho administrativo e parecer do conselho fiscal e eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1920-1921 e 1921-1922.

Grupo de Solidariedade de 21 (Manufactores de Calçado).—Reunião-se hoje, pelas 21 horas, para tratar de um assunto urgente.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500. A obra mais barata que no género se publica

Assuntos coloniais

Ainda as afirmações do general sr. Freire de Andrade e a protecção de que goza a agricultura de São Tomé e Príncipe

De regresso da nossa terra, Aljustrel, aonde havia 33 anos que não fomos por termos partido para a África, podemos hoje continuar a fazer as nossas considerações respeitantes à agricultura de São Tomé e Príncipe, que por motivo das afirmações nada concretas do sr. general Freire de Andrade e reforçadas pelo sr. dr. José Beneditos, fomos obrigados a encetar.

Apregoaram aqueles senhores aos quatro ventos que a agricultura não pode mais comportar o aumento dos direitos de exportação do cacau, para que o Estado possa arrecadar as importâncias necessárias para debelar o débito daquela colónia e fazer face às despesas da mesma, inventando para isso vários pretextos, não se lembrando que a agricultura de há bastantes anos vem gozando de uma protecção sem limites como vamos relatar.

Parte da agricultura daquela colónia possui grandes plantações de cana sacarina e, contra todas as campanhas humanitárias feitas contra o alcoolismo, tem fabricado e continua a fabricar aguardente—servindo-nos daquela frase simbólica e sacramental do Sacro Colégio na investidura dalgum novo Papa—em magna quantia, sem que, até 1920, o Estado lhe pedisse, por isso, qualquer contribuição e sendo a produção dessa perniciosa bebida toda consumida naquela colónia pelos indígenas dali oriundos e por todos os que das outras colónias para aquela têm vindo exportados, exceptuando, é claro, aqueles que, pela sua cultura e educação, estão isentos de tal vício. Só nesse ano o Estado lançou uma relativamente diminuta contribuição sobre o alcool ali produzido, não o tendo porém conseguido sem que, da parte dos agricultores daquela especialidade tivesse havido grande relutância, uma considerável opposição, lembrando-nos até que o então Administrador das roças do senhor marquês de Val-Flor, para se lurtar ao cumprimento da lei, pretextou que a aguardente ali produzida não devia ser colectada porque era toda consumida pelo pessoal das mesmas roças.

O que ele não dizia era que o pessoal em questão consumia a aguardente mas pagava-a, muito embora lá uma vez por outra, por ocasião dalguma epidemia de gripe lhes ministrassem algumas rações dessa bebida para lhes servir de sudorífico. As bilhas não pegaram, é claro, e o senhor marquês teve que pagar como mandava a lei.

E' muito rara a roça daquela colónia, creio mesmo que não há nenhuma, que não tenha a sua loja bem fornecida, sem que por isso pague qualquer contribuição ou licença ao Estado e à Câmara Municipal, pretextando para isso, que esses estabelecimentos são só para abastecer o pessoal dessas propriedades, o que eu considero uma prepotência inaudita, porque ao pessoal dessas propriedades é-lhes cortada a liberdade de ir comprar com o seu dinheiro aonde melhor lhes convenha, conforme a lei lhes faculta, sendo obrigado a comprar nas lojas da propriedade e pelo preço que lhe quiserem vender, consoante a consciencia mais ou menos... elástica das pessoas que estão à testa dessas propriedades.

Devemos dizer em abono da verdade, que desses, alguns há que são criteriosos e têm mais ou menos compaixão dos desgraçados que servem debaixo das suas ordens. Mas também posso garantir, porque o conheço de visto, que a maior parte dos estabelecimentos, dessa roça, não vendem só ao pessoal das respectivas propriedades, vendem a todos que habitarem naquelas imediações, e que lá queiram ir comprar, o que representa um logro para o Estado, para a Câmara e para o comércio regular que paga as suas licenças e contribuições.

Mas a agricultura de S. Tomé e Príncipe de há longos anos a esta parte, ainda goza de muitas outras regalias e benefícios como os nossos leitores vão ver: Desde Abril de 1898 não paga direitos dos produtos químicos que importa, tais como: clorato e nitrato de potássio, sulfato e fosfato de sódio e amónio, fosfato de cálcio e os adubos de toda a espécie. Desde 1913 também não paga direitos de importação o sulfato de cobre e desde 1919 o sulfato de ferro, soda cáustica, carbonato de sódio, o alcatrão, coaltar e o sulfato de nicotina.

Os instrumentos e máquinas agrícolas também são isentos de direitos de importação e ainda há mais que agora me não ocorre.

Sabemos que o sr. Junqueira Rato seguiu para São Tomé para continuar a governar aquela colónia. Também temos nos jornais que foi de harmonia com os agricultores.

E' possível que assim seja e oxalá não tenhamos de nos enganar, mas temos que nos sua excelência terá que lutar com muitas dificuldades e ser-lhe há difícil levar a cruz ao calvário porque a agricultura de São Tomé, tendo à sua frente as roças do sr. marquês de Vale-Flor com os srs. general Freire de Andrade e dr. José Beneditos, um marcando no fóro, outro na política a defendê-la, ela, coraçada com o «Centro Colonial», há de conseguir tudo quanto quiser.

António Luz

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Paraná» são hoje expedidas malas postais para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas, fazendo os registos às 9 horas. Pelo paquete francês «Asia» para Ponta Delgada, Horta de New York, efectuando a última tiragem às 8 horas. Por via Marselha também seguem malas postais para a Índia portuguesa e Macau. A última tiragem é às 11,30.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia. Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal.

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retreteiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

Um achado

Encontramos no nosso jornal à disposição de quem provar pertencer-lhe uma chave de fechadura de porta que foi achada na escada do prédio n.º 69 da Calçada da Pamplina.

Comité Pró-Prêso por Questões Sociais

Solidariedade aos prêso

Consentir que aos prêso sociais e aos seus entes queridos falte o indispensável para viverem seria uma grande desumanidade que jámais algum revolucionário libertário quererá praticar.

Os prêso que tudo sacrificaram em prol da emancipação humana, inclusive, sua vida e a de suas famílias, merecem todos carinho e dedicação e não podem atravessar vicissitudes sem que nós, primeiro, nos esforcemos por evitá-las.

Abriu-ques, realizar festas, obter, enfim, quaisquer donativos para os enclausurados por motivos sociais, além de ser uma grande manifestação de solidariedade, é o protesto vivo contra o existente e a afirmação consciente dos que almejam a transformação social.

Mas não nos esqueçamos de acudir em auxílio dos que sofrem pelo seu muito amor à causa e façamos todo o possível por lhes evitar privações, contribuindo todos os sábados ou dias em que se recebe o salário, e que ninguém se esqueça de pensar nos que estão a ferros. Que todos os proletários socorram as vítimas da injustiça social!

O Comité Pró-Prêso por Questões Sociais

SALVADOR BARATA, L. DA RUA DAS ARVIVOTAS, 19-A e 19-C TELEFONE T. 546 LISBOA

Fabricantes das alvaides marca «Gaivota» e únicos depositários do «PO RODRIGUES»

AGENTES: Rómulo Augusto Duarte, rua dr. Sousa Viterbo, 110—Porto; José Gomes Terrelta & C.ª —Funchal; Madeira; Centro Commercial de Drogas, Lda, Praça do Comércio, 27, L.ª—Coimbra.

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc. em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e LOJAS DE FERRAGENS

TIVOLI TELEFONE N. 5474

As Sete Ocasões de Pamplinas

Comédia dirigida e interpretada por BUSTER KEATON (PAMPLINAS)

RECORDAÇÕES

Scenas da Vida Doméstica. Alta comédia Americana com Dais y Ruth Miller, Claude Gillingwater e Ellen Landis

Complicações matrimoniais

Comédia-Farça com Dorothy Denore

Um Documentário Português

TEATRO SALÃO FOZ

Matinê às 3 h. Soirê às 8,45 h.

COLOSSAL EXITO DA GRANDE ATRACÇÃO

Kosika Vrandja PITUSILLA

Canção-cômica fantástica

MIGUEL ARTELLI

Notável tenor

NO ESCRAN: JACKIE COOGAN no «film» em 8 partes «Herança do Miladinho»

Concerto pela FOZ MELODY BAND

PREÇOS ULTRA POPULARES

Superior, 2000; Platina ou Balcão, 1500; Camarote, 1000; Frizos, 500; Convidos, 400.

Segunda-feira — INAUGURAÇÃO DA EPOCA DE INVERNO

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.436

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e agrado, o género da comédia musical

O monumental «vaudeville»

O PAO DE LÓ

Os espectáculos no Foz

Constituiu um sucesso a estreia da atracção Kosika Vrandja, que ontem se realizou no Teatro Salão Foz. Causaram sensação os seus bailes orientais e de fantasia que Paris acabou de aplaudir há poucos dias, num dos seus teatros. Pitusilla é uma completista que cada vez prende mais o público, sempre com êxito. Completa o programa o tenor Miguel Artelli, abrindo, tanto a «matinê» como a «soirê», por um esplêndido «film» de grande metragem.

O «Sinal de Alarme» no Trindade

A companhia Lucinda Simões-Erico Braga representa hoje no teatro da Trindade, a comédia «O sinal de alarme». Esta companhia representará no teatro S4 da Bandeira, do Porto, depois do dia 3 de Novembro, as principais peças do seu repertório, entre elas, «O homem das 5 horas», com que se estreia.

O êxito do «Pão de Ló»

No teatro Avenida representa-se todas as noites o interessantíssimo «vaudeville» «O Pão de Ló». O bonito teatro agora como novo, cheio de brilho e de cor, teve uma enchente tão grande que se foi gente embora, desolada, por se terem acabado os bilhetes.

Novo desabamento

Estiveram ontem à noite na nossa redacção alguns inquilinos do prédio que abateu no sábado na Vila Teixeira, sita no Chafariz das Terras à Lapa, dizendo-nos que mais de cinquenta pessoas estão vivendo ao ar livre por não terem onde acastor-se.

Informaram-nos os referidos inquilinos que o senhorio, Ernesto Carlos Teixeira, há muito tempo que tinha sido intimado a fazer obras nunca se preocupando com o caso.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas \$50

O sentido em que somos anarquistas . . . \$30

A peste religiosa \$40

A liberdade \$50

A Internacional (música e letra) \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1500.

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa

Foi solenemente inaugurada a escola nocturna para operários e seus filhos montada pela Universidade Nacional de Instrução e Educação

Conforme anunciámos realizou-se na sede da 3.ª secção da Universidade Nacional de Instrução e Educação, à rua de Marvila, 57, 1.ª, uma sessão solene, para abertura duma escola nocturna para operários e seus filhos, residentes nesta área e proximidades.

A presidência foi dada a Manuel Maria de Sousa, representante da Universidade, tendo a secretaria-ção, o delegado da Comissão escolar da 3.ª secção, José Viana, e Quirino Moreira, delegado da Federação Metalúrgica de Portugal.

Depois de lido o expediente que constava de várias credenciais e saudações de vários organismos sindicais, cooperativistas e escolares, foi dada a palavra a José Gonçalves, que em nome da comissão escolar desta área expoz os objectivos que a mesma teve ao instituir em Marvila uma aula nocturna para todos os trabalhadores, esperando que esta iniciativa seja ajudada por todos, a fim de que o analfabetismo não campe duma maneira tão assustadora como se está verificando.

Manuel Maria de Sousa veio em seguida da palavra, apresentando a curta história da Universidade Nacional de Instrução e Educação, demonstrando quais as razões que levaram a constituir mais esta instituição popular, fazendo ver o erro em que as entidades oficiais incorrem, auxiliando diversos ministérios com dotações importantes, deixando em tristes condições de existência o ministério da instrução, pois o máximo de auxílio monetário devia ser dado a esta entidade, para não assistirmos ao espectáculo degradante e vexatório das escolas oficiais caírem em derrocada sinistras, e à miséria que invade os lares do professorado pela sua falta de colocação e pela falta de material didático que se verifica nas várias escolas oficiais. A Universidade na sua pequena existência tem já ajudado a ministrar ao proletariado as primeiras bases da instrução e educação, e a sua acção tem sido tão bem compreendida que vai abrir em áreas afastadas seis secções, onde a bastante custo irá abrir aulas nocturnas e a bastante custo o diz, porque a receita desta nova instituição ainda não é o suficiente para arcar com tantas despesas. Confia que a comissão escolar desta área que tão activamente está trabalhando, leve até final tão importante obra de instrução popular.

Eduardo Braga diz que a Federação Corticeira se acha satisfeita pela abertura da escola nocturna dentro da Associação dos Corticeiros, pondo toda a solidariedade do seu organismo ao lado da Universidade e esperando que os resultados durante o ano lectivo sejam coroados de êxito.

Manuel Mendes, em nome da Cooperativa Oriental, faz a história da sua infância, como elemento da Associação dos Corticeiros, dizendo que mantém ainda hoje, com a idade que tem, os mesmos princípios de solidariedade humana de tendência libertária. Serve ela, diz, para influir no ânimo dos novos que estão presentes. Rejeita, por ainda hoje os sindicatos seguirem os preceitos da instrução e educação que há indubitavelmente levar a classe operária à sua emancipação. Diz que há muito vem defendendo o princípio de que os lucros das cooperativas devem ser aproveitados na instrução e educação e não desviados para outros fins.

Carlos Maria Coelho, em nome do Sindicato Unico da Construção Civil, acentua que a instrução popular devia ser tratada pelo Estado, mas como este o não faz, proibindo até a entrada de filhos dos operários nas escolas quando descalços, ou vestidos pobremente, são os sindicatos obrigados a manter à custa de grandes sacrifícios aulas primárias, esperando que a comissão escolar da área de Marvila faça o mesmo que o seu sindicato profissional faz, distribuindo objectos de vestuário no caso de haver alunos nestas circunstâncias, terminando para que os organismos instalados na sede onde se realiza esta festividade vão até à compra dum prédio, onde possam instalar com todos os requisitos modernos uma escola ideal.

Carlos Neto Aranha, da secção da Construção Civil do Alto do Pina, demonstra a necessidade que há de abrir muitas escolas para o proletariado se instruir e educar, devendo os mesmos frequentarem o seu sindicato profissional, criticando os que preferem aprender por métodos clericais e os que abandonam a luta sindical para se interessarem fanaticamente pelo futebol.

Quirino Fernandes, da comissão escolar da secção da Construção Civil de Palma e Arredores, sente-se satisfeito pela abertura de mais uma escola, a qual deverá ser regida pelos princípios da verdade e não como sucede nas escolas oficiais em que se abusa de preceitos falsos e patrióticos.

Carlos Abrantes, do grupo escolar «Instrução Nova», cita a máxima que depois do pão a educação. Demonstra os frutos que poderão ser colhidos por uma boa e racional instrução, oferecendo a solidariedade do seu organismo escolar, que neste momento se poderá chamar a madrinha da nova escola que se inaugurava, fazendo votos para que as dificuldades que venham a aparecer, pois a sua colectividade tem passado por algumas, sejam levadas de vencida com a mesma tenacidade e carinho com que a sua direcção tem exercido.

Quirino Moreira, em nome da Federação Metalúrgica, diz que os pais de muitas crianças preferem mais mandá-las à igreja do que à escola. Neste momento o Estado se põe ao lado dos clericais para se ministrar o ensino religioso nas escolas, mais se impõe a criação de escolas de métodos racionais aos sindicatos operários. Apresenta com dados o desinteresse que há por parte das autoridades em fundar escolas profissionais, continuando por essa forma a sentir-se em Portugal os terríveis efeitos do analfabetismo.

José Maria, como representante do Sindicato Unico Metalúrgico, diz que a escola o fóro onde se fabrica o pão de espírito, asseverando na falta de instrução e educação o mal estar do operariado. Deve o pouco que sabe à instrução ministrada pela Universidade dentro do seu Sindicato, apelando para que o proletariado se integre nos objectivos da organização sindical, por ser a melhor forma dos mesmos poderem reagir.

Raúl Soares, em nome da secção metalúrgica do Alto do Pina, diz que a instrução popular é imensamente necessária na presente ocasião, e que os militantes operários deverão encaminhar também a sua propaganda em prol desta campanha, a fim de não ser censurada a sua acção e continuando no trabalho a encetar pela comissão

escolar de Marvila em favor da escola nocturna que ela acaba de inaugurar.

O professor Augusto José Afonso, fala em nome do corpo docente da Universidade observando a necessidade que há de uma completa coordenação entre o trabalhador manual e o trabalhador intelectual. Lamenta o facto dos operários se desinteressarem da instrução, havendo necessidade de se arrancar da taberna alguns elementos para lhes serem dadas as primeiras noções da vida. Ataca a acção desenvolvida pela comissão reaccionária na instrução que ministra civada toda de preconceitos religiosos. A última reforma de ensino, diz, é uma bela obra de reaccionários que o Estado perfilhou, ao contrário do que devia fazer. A culpa da instrução e educação em Portugal estar nas mãos dos jesuítas, deve-se ao esparitar pelo seu desinteresse e pela sua criminoso apatia.

E' preciso que se abram escolas, muitas escolas, onde se ministre a verdade de molde ao operariado alcançar a sua emancipação integral. Dirige-se à comissão escolar pedindo-lhe que não desanime, na missão a que se impôs.

O presidente não tendo mais oradores inscritos, agradece não só ao Sindicato dos Corticeiros como também a todos os organismos presentes, felicitando a comissão escolar pela propaganda que tem feito a favor da escola, não podendo deixar de protestar contra a obrigatoriedade que há de se pedir licença às entidades oficiais para se realizarem sessões solenes, festas escolares, conferências, etc., encerrando-se a sessão aos vivas à instrução popular e à Liberdade. As salas e as janelas da Associação dos Corticeiros, onde se realizou a sessão, achavam-se ornamentadas com bandeiras dos sindicatos, cooperativas e de organismos escolares, tendo-se rifado um objecto e vendido flores, rendendo 56500 que reverteram para o cofre da comissão escolar.

A BATALHA na provincia e arredores

Peniche

A incúria municipal

PENICHE, 24.—E' claro que nunca acreditámos que a nova comissão administrativa fizesse obra melhor que a câmara anterior...

Porisso é sem estranheza alguma que constatamos que as ruas da vila estão cheias de imundície e esburacadas. O seu pavimento resume-se... em não ter pavimento... A higiene das fábricas não é dos operários só tem para mitigar a sede a água salobra que serve para a salmoura das sardinhas.

Na fábrica do industrial José Gago da Silva as cabeças de sardinha são cozidas no mesmo local onde são descabeadas. As cabeças de sardinha só ao fim de dois ou três dias é que são tiradas, tendo os operários de suportar um cheiro tão pestífero que tem provocado desmaios em muitas mulheres.

O sub-delegado de saúde é como se não existisse...

O pão continua sendo roubado no peso. Há dias foram apreendidos pães que pesavam 400 e 800 gramas. Agora apareceu pão com peso certo, mas falsificado na qualidade.

A carne é prejudicial ao consumidor, o que não admira visto que aqui não há veterinário e o fiscal do Matadouro não tem a menor competência.

Vila Real de Santo António

Uma bárbara agressão

V. R. S. ANTONIO, 24.—Na semana transacta foi prêso, por um motivo insignificante, o calafate Ribeiro. Conduzido ao posto da G. N. R. foi ali agredido bárbaramente à sabrada. Um dos golpes de sabre atingiu-o no rosto, pouco faltando para lhe vasar um olho. O corpo do infeliz ficou num estado que horrorizou todas as pessoas que o examinaram.

O povo desta vila mostra-se bastante indignado com esta selvajaria e está na disposição de reclamar do governo a retirada dos soldados da G. N. R. pois que estes costumam embriagar-se e agredir pessoas pacíficas.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

IMPRENSA

Boletim dos Hospitais Cívis de Lisboa

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o «Boletim dos Hospitais Cívis de Lisboa» relativo ao 2.º semestre de 1918 e ao 1.º semestre de 1919, peça descritiva de todo o movimento hospitalar durante o ano económico 1918-1919.

Além doutros assuntos de grande valor hospitalar o «Boletim dos Hospitais Cívis de Lisboa» insere um notável discurso sobre o ensino de enfermagem proferido pelo dr. Augusto Lobo Alves, que foi enfermeiro-mor dos hospitais, e um relatório do dr. Fernando de Lencastre sobre o «Dispensário Popular de Alcântara».

Futebol Associação

Sob a direcção do sr. Rui Gil iniciou a sua publicação o semanário desportivo «Futebol Associação» que apresenta um aspecto gráfico agradável e insere prosa diversa sobre assuntos desportivos.

Auguramos-lhe longa vida.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

E' contra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45500.

Encadernação (por capas e índice). 20500.

Capas e índice em separado, 15500. Pedidos de colecções, ou envio directos para encadernação, a administração de A Batalha.

MARCO POSTAL

Panoias—Pessôa ferroviário do partido 14—Recebemos 15500. Assinatura paga até 30 de Novembro, p. 1.
Famalicão—A. Pereira de Oliveira—Recebemos 10500. Paga a assinatura até 15 de Novembro, p. 1, data em que, cortada a assinatura. Devolve o recibo que mandamos à cobrança.
Almansil—Manuel Café—Recebemos 14500. Assinatura paga até 30 de Novembro, p. 1.
Santarem—Fragoso—Recebemos os 10500 que enviaste por mão própria.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		2\$97
Paris, cheque		5\$60
Suiza, cheque		3\$78,5
Bruxelas, cheque		\$55,5
New-York, cheque		19\$60
Amsterdão, cheque		7\$84
Itália, cheque		3\$87
Brasil, cheque		2\$80
Praga, cheque		\$58,5
Suécia, cheque		\$524
Austria, cheque		2\$77
Perlim, cheque		4\$67

TEATROS

Trindade.—A's 21.—A Exilada.
Avenida.—A's 21,30.—O Pão de Ló.
São Luís.—A's 21.—Maravilhas (La Calceira).
Eden-Teatro.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morango.
Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—Sarcófago.
Maria Vitória.—A's 20,30 e 22,30.—Pistóla.
Coliseu dos Recreios.—A's 21.—Companhia de circo.
ANIMATÓGRAFOS E VARIEDADES.
Salão Foz.—A's 15 e 21.—Variedades e animatógrafo.
Tivoli.—Animatógrafo.
Condes.—Animatógrafo e concerto.
Olimpia.—Animatógrafo.
Central.—Animatógrafo.
Chão Terrace.—Animatógrafo e variedades em conjunto.
Gil Vicente.—Animatógrafo.
Chantecier.—Animatógrafo.
Ideal.—(Rua do Loreto).—Animatógrafo.
Cine Esperança.—Animatógrafo.
Jardim Zoológico.—Exposição permanente de animais.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98
TELEFONE N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Villar—4 horas.
Mala, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago, e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das mulheres—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Fripe-Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Mala X—Dr. Azeite Salgueiro—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

6—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhins para senhora, vindas directamente das melhores fabricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELEF. N. 5031

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os generos, jazigos em todos os generos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.



FATOS completos e sobretudo

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

IMPERMEAVES INGLESES com sifio e capuz desde 149\$00

SETIMS para forros em preto e cores. Largura 1,40, metro, desde 9\$00

Grande sortido de fatos e sobretudo, feitos e por medida

ABATIMENTOS PARA REVENDA

170, Rua da Boa Vista, 172

"HERPETOL"

—) Dá um (—

Alivio instantaneo



SOFRE DE COMICHAES provocada pelo ECZEMA ou outras DOENÇAS DE PELE? A applicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente o comichão.

O "HERPETOL" CURA. A atestá-lo temos os lindos pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOLESTIAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDÃO, SECO e RASCOS DUREZ.

Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL", o melhor remédio que até hoje appareceu.

A' venda nas principais farmacias e nos depósitos em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.

FABRICA

cladilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Lede o Suplemento da "A Batalha"

BELTRÃO, LIMITADA

FABRICA DE ROUPARIA PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

Novas baixas de preços para descongestionamento dos nossos enormes stocks

ROUPA PARA SENHORA	ROUPA PARA HOMEM
Parures em linhagem, branco e de cores, lindamente bordadas à mão: 32\$00	Camisas em optimo percal alisado, de lindos desenhos, com 2 colarinhos, nos preços de 10\$00, 20\$00 e 25\$00 22\$00
Camisa de dia 17\$50	Camisas em optimos zefires ingleses, de lindos desenhos, com 2 colarinhos, nos preços de 15\$00, 25\$00, 20\$00 e 27\$00 27\$00
Camisa de noite 44\$00	Camisas em popeline branco ou creme, com 2 colarinhos nos preços de 35\$00 e 40\$00 40\$00
Combinação 51\$00	Camisas em popeline, de lindos desenhos, com 2 colarinhos, nos preços de 42\$00, 44\$00 e 49\$00 49\$00
Calça 35\$40	Camisa encad. Viciosa, de lindos desenhos, com colarinho pegado, muito bem fabricada 13\$50
Em bom pano branco ingles, com barras de cor em opal, alças de ajourete, lindamente enfeitadas a jor: 15\$50	Gravatas desd. 2\$50
Combinação 17\$50	Suspens. desd. 4\$50
Camisa de dia com barras 12\$80	
Camisa de dia em branco 12\$80	
Calça 11\$00	
Calça 12\$20	

Grande saldo de retalhos de popelines, zefires, crepes e percais

Até ao fim do ano, nas compras superiores a 500\$00, cinco por cento de desconto!!! O verdadeiro bonus!!!

Depois de se terem informado dos preços da concorrência, visitem a nossa fabrica mesmo só a título de verificação.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIAS E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	Jorge Teixeira—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Alexandre Heroulan.....		Juliano Quintinha.....	\$800
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Visinhos do Mar.....	\$800
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Camalgada do Sonho.....	\$800
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols).....	27\$00	Terras de Fogo.....	\$25
		Dor vitoriosa (novela).....	\$500
		Laisant—Iniciação matemática.....	\$25
		Malvent—Ciências e Religião.....	\$25
		Mário Domingues—Flugo, o pintor (novela).....	\$25
		Anastácio José (idem).....	\$25
		Manuel Ribeiro.....	\$25
		Poder redentor (novela).....	\$25
		Mirbeau—O Jardim dos Suplicios.....	\$400
		Nogueira de Brito.....	\$1500
		I—Memórias de Angela Pinto.....	\$25
		Sangue Fidalgo (novela).....	\$25
		Não, diz a Lei (novela).....	\$25
		Pargame—Origem da vida.....	\$800
		Oliveira Martins.....	\$1500
		Helenismo e a Civilização Ocidental.....	\$1500
		História da Civilização ibérica.....	\$1500
		História da República Romana (2 volumes).....	\$2000
		História de Portugal (2 vols).....	\$3000
		Raças Humanas (2 vol).....	\$3000
		O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	\$1500
		Cartas Peninsulares.....	\$1500
		Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	\$1500
		Orlando Marçal.....	\$600
		Agua clara.....	\$100
		Imagens de Sônto.....	\$100
		Raul Brandão.....	\$1000
		Os Pescadores.....	\$1000
		Os Pobres.....	\$1000
		O Teatro.....	\$800
		Spencer—Da Educação (br. \$500) etc.....	\$850
		Sobral de Campos—Dois tiros (novela).....	\$25
		Teletok—A sonata de Kreutzer.....	\$400
		Ana Karenine.....	\$500
		Toulousse—Como se deve educar o espirito.....	\$400
		Wenceslau de Moraes.....	\$1250
		Dai Nippin.....	\$1000
		Victor Hugo.....	\$1000
		Francia e Belgica.....	\$1000
		O Reno (2 vols).....	\$1500
		Os Miseraveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados.....	\$4000
		Zola.....	\$1200
		A Taberna.....	\$500
		Tezera Raquin.....	\$500
		Alegria de viver (2 vols).....	\$800
		A conquista de Plassans, (2 vols).....	\$800
		Fecundidade.....	\$2000
		A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	\$800
		Uma página de amor.....	\$900
		Dr. Pascal.....	\$800

FOLHETO

Eliseu Reclus—Anarquia e a igreja

A Evolução legal e a anarquia

Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....| | | | |
| --- | --- | --- | --- |
| | | José Prat—A burguesia e o proletariado..... | \$50 |
| | | A necessidade da Associação..... | \$50 |
| | | Content—Contra o confusionalismo..... | \$30 |
| | | Alfredo Neves Dias—Razão (poemato social)..... | \$50 |
| | | Ernesto da Silva—Teatro livre e Arte Social..... | \$30 |
| | | Landauer—Social Democracia..... | \$30 |
| | | R. Mola—O principio do fim..... | \$30 |
| | | A maçonaria e o proletariado..... | \$30 |
| | | J. Most—Peste religiosa..... | \$50 |
| | | João P. do Rio..... | \$50 |
| | | Definições sociais..... | \$50 |
| | | Horas anarquistas (versos)..... | \$50 |
| | | Trovas da Noite..... | \$100 |
| | | Roberto, o pescador..... | \$100 |
| | | Memórias do Parque de São João do Forte..... | \$75 |
| | | Carnet de Pensamento..... | \$20 |
| | | J. Bakunine—O sentido em que os mos anarquistas..... | \$50 |
| | | Chueca—Como não ser anarquista..... | \$50 |
| | | Lazare—A Liberdade..... | \$50 |
| | | B. Elvirany—A minha defesa..... | \$50 |
| | | J. Kropotkin..... | \$50 |
| | | Os bastiões da guerra..... | \$30 |
| | | Moral anarquista..... | \$50 |
| | | O espirito revolucionário..... | \$50 |
| | | O estado e o seu papel histórico..... | \$50 |
| | | J. Guedes—Lei dos Salários..... | \$50 |
| | | Roland—A greve geral..... | \$50 |
| | | Roland—Russia Nova..... | \$50 |
| | | O sindicalismo e os intelectuais..... | \$50 |
| | | D. Carvalho—A gestão sindical no periodo revolucionário..... | \$50 |
| | | A. Hamon—A crise do socialismo..... | \$50 |
| | | J. Santos—A transformação da sociedade..... | \$50 |
| | | Neno Vasco..... | \$30 |
| | | Georgicas..... | \$30 |
| | | Greve de inquilinos, teatro..... | \$100 |
| | | Proletariado Histórico..... | \$100 |
| | | G. Archinof—A Revolução social e o Sindicalismo..... | \$50 |
| | | Carlos Rates—Aditadura do proletariado..... | \$100 |
| | | Emilio Chapelier—Porque não creio em Deus..... | \$100 |
| | | Rodolfo Rocker—O sindicalismo revoluc. e a organização operaria..... | \$100 |

xou-se para evitar a pistola de Frantz; mas este seguelhe o movimento com rapidez e disparou. Lehirom cai ferido, os bandidos recuam aterrados. Vitória avança sobre eles com a faca de caça, e corta a cara ao primeiro que encontra; João carrega-os à baioneta. Neste momento ouve-se rumor na escada. São os camaradas de João Lebreun que, avisados pelo porteiro, sobem em tropel e cortam a retirada aos bandidos, que, deixando cair as armas, pedem misericórdia, dizendo que fôra Lehirom quem os enganara.

No meio deste tumulto ouviu-se de repente a voz da mulher do velho Lebreun, gritando:

—Oh! que danada criança! Como ele me morde.

João Lebreun volta-se e vê o pequeno Rodin tentando arrancar os manuscritos a sua mãe e cravando com fúria os dentes na mão com que a boa velha os procurava defender. Correr para ele, agarrar-lhe pelo fundo dos calções e atirá-lo a dez passos de distância foi obra dum instante. O pequeno Rodin insinua-se como uma vibora por entre as pernas dos companheiros de Lehirom, e foge pela escada abaixo.

O velho cego e sua mulher foram nesse mesmo dia para casa do vizinho Jeronimo, e os manuscritos da familia Lebreun foram postos em lugar seguro pelo principe Frantz de Gerolstein.

Acaba aqui a primeira parte desta legenda escrita por mim, João Lebreun, porque, desde o mês de julho de 1789 até ao de dezembro de 1792, nenhum outro acontecimento importante se passou na nossa familia, senão a perda dos nossos queridos pais. Meu pai morreu a 11 de agosto de 1789; minha mãe, doente havia já alguns anos, pouco lhe sobreviveu: expirou nos nossos braços a 29 de outubro do mesmo ano.

Carlota Desmarais, dois dias depois da nossa entrevista, escreveu-me uma carta digna e comovedora, annunciando-me a sua partida para Lyão, em companhia da mãe.

O sr. Desmarais continua a tomar assento na extrema esquerda da Assembleia Nacional, ao lado de Ro-

bespierre. Ele defendeu Marat na tribuna e faz parte do grupo republicano que tem por chefes Brissot, Camilo Desmoulins, Condorcet e Bonneville. O sr. Desmarais, que primeiro pertencera ao clube dos jacobinos, passou mais tarde para o dos franciscanos. Ele parecia temer a perda da sua popularidade, que considerava como a salvaguarda dos seus bens, e talvez até da sua vida. O cunhado, pelo contrario, tinha a coragem das suas opiniões e declarava-se francamente partidário dos moderados. O financeiro continuava a comandar o batalhão chamado de São Tomás, um dos mais hostis à revolução. Frantz de Gerolstein fôra chamado subitamente pelo pai, que se achava gravemente enfermo. As nossas reliquias de familia continuam no lugar onde Frantz as tinha depositado.

Minha irmã Vitória vive comigo, ganhando pelo seu officio de costureira. Nós prometemos a Frantz de Gerolstein que, em caso de necessidade, correríamos em seu auxilio.

Não se me inquietação que eu vejo o carácter de minha irmã irritar-se cada vez mais: degenera às vezes em alucinação o seu fervor revolucionário.

Em vão me esforço por sossegá-la, em vão apelo para o seu coração e para o seu bom senso, a-fim-de a convencer de que, fora do caso da insurreição e de legitima defesa, nunca devemos ferir os nossos inimigos senão com o gládio da lei, por ser a justiça do povo muitas vezes cega no meio dos seus arrebatamentos!

—E quando o gládio da lei, confiado aos nossos inimigos, se conserva na bainha?—me pergunta ela. Quando a traição, turta os grandes criminosos à justiça legal e lhes assegura a impunidade, ¿que deve fazer o povo soberano?

—O povo soberano, lhe respondo eu, origem de todo o poder, por meio da eleição, deve destituir os seus mandatários infieis ao expirar o mandato que lhes confiou, e se os reconhece como traidores, deve entre-

gá-los aos juizes competentes. E' este o processo razável a seguir.

—Não!—me responde Vitória com impeto. Todas essas formalidades levam muito tempo. Há ocasiões em que o povo deve exterminar os seus inimigos em nome da salvação pública!

Ai! era em nome da salvação pública que um dia haviam de os homens mais puros e heroicos da revolução combater-se mutuamente, em proveito dos seus eternos inimigos!

Vitória não tornou a ver o conde de Plouernel. Este, apesar da sua audácia, foi um dos primeiros a emigrar, cheio de espanto e de terror, em seguida ao conde d'Artois e aos principes de Conti e de Condé, ao saber da tomada da Bastilha. Só em 1793 tornamos a ver o sr. de Plouernel.

Lehirom sobreviveu à ferida e pôde, sem dúvida aconselhado pelo abade Morlet, tentar mais tarde (ignoro com que fim) um ataque a uma casa isolada, na rua de São Francisco, onde mora um judeu com sua mulher. Durante muito tempo os Videntes se reúnem nessa casa; a tentativa de Lehirom frustrou-se, segundo disse mais tarde o judeu a minha irmã, sem lhe dar mais explicações sobre o caso.

O espaço de tempo que vai de julho de 1789 a dezembro de 1792, época em que começa a segunda parte da minha legenda, foi fecundo em grandes factos de imenso alcance. Eu consignei-os nas nossas legendas, intercalando-lhes alguns extractos dum jornal em que todas as noites eu escrevia os acontecimentos de que Vitória ou eu tivéssemos sido testemunhas durante o dia. Muitas vezes juntava eu a essas notas alguns trechos dos jornais revolucionários do nosso tempo. Heroica época esta, que ficará indelevelmente gravada nos fastos da humanidade!

A tomada da Bastilha (14 de julho de 1789) era um golpe mortal para o poder moral da monarchia, vindo ainda agravar-lhe o desprestigio, como a nobreza e ao clero, o facto de, em seguida ao juramento do

Jôgo da Péla, os deputados do terceiro estado, arrostando com as ordens de dissolução pronunciadas por Luis XVI, se constituírem em assembleia soberana, constituinte e inviolável. As consequências do imortal dia 14 de julho de 1789 foram admiráveis para a causa do povo. O rei teve de vir a Paris prestar homenagem à vitória popular, e trocou o laço branco, emblema da velha realista, pelo nacional, azul, branco e encarnado.

A queda da Bastilha repercutiu-se em toda a França. Em toda a parte povo e burguesia se insurgiam contra os representantes do poder real, substituindo os por municipalidades eleitas pelos cidadãos.

A sublevação geral das cidades e dos campos contra o poder real, contra os privilégios da nobreza e do clero, levam o terror à direita da Assembleia Nacional, onde tinham assento os mais violentos, da revolução.

O centro não tinha convicções definidas. A esquerda compunha-se quasi exclusivamente de deputados do terceiro estado, entre os quais eram notáveis, pela sua eloquência, Sieyès, Duport, Barnave. A nobreza também tinha neste lado representantes, entre os quais um muito illustre, Mirabeau (o mais velho), grande tribuna, mas homem corrupto; o duque d'Orleans o marquês de La Fayette, os Lameth, etc....

Na extrema esquerda sentava-se um deputado, ainda então obscuro e desconhecido. Em breve este representante do povo era a alma da Revolução Francesa: chamava-se Maximiano Robespierre, e era advogado em Arras.

Perante a attitude ameaçadora da nação, desmoronou-se numa só noite (4 de agosto de 1789) todo o velho edificio feudal.

Oh! filhos de Joel! glorifiquemos a memória dos nossos obscuros avós, pois eles é que prepararam o triunfo da revolução.

A obra imorredoura da Assembleia Nacional foi: a Declaração dos Direitos do Homem;



A tática colaboracionista adoptada pelos sindicatos reformistas inutiliza toda a acção emancipadora do proletariado

BERLIM, Outubro. — Nas lutas cotidianas dos trabalhadores pela sua existência e pela conquista de melhores condições de vida, vêm os de Amsterdão colocar-se num campo de colaboração de classes e praticam com os inimigos do proletariado uma política de conciliação que se exprime em contratos de tabelas de salários a longos prazos com temporadas de vencimento antecipadamente fixadas, com arbitragem governamental e com uma ignominiosa confiança em leis sociais feitas pelo estado capitalista.

A colaboração de classes não se limita à actividade sindical dos reformistas de cada país. Alarga-se até ao campo internacional. A cooperação das organizações aderentes à Internacional em Amsterdão na Repartição Internacional do Trabalho em Genebra é o triunfo da degenerescência burguesa no movimento operário. Essa cooperação trouxe consequentemente a completa renúncia à luta contra o imperialismo das potências e a reconciliação das organizações sindicais com os opressores e os exploradores internacionalmente coligados.

Os efeitos de tão desastroso desvio têm de ser fatais, quer nacional, quer internacionalmente. Em cada país, a política de aliança dos grandes sindicatos reformistas levou-os à mais infame oposição aos esforços subversivos do período revolucionário de após a guerra.

Na Alemanha, França, Itália e Austria, a influência reformista produziu a paralisação de toda a actividade revolucionária das classes operárias. Se os poderes reaccionários e fascistas possuem actualmente a hegemonia na Alemanha e na Itália, isso deve atribuir-se em grande parte ao influxo reaccionário dos reformistas no movimento sindical.

Não foi em vão que Stinnes deu a um dos seus barcos o nome de *Legien*, que foi um chefe reformista, durante muito tempo, da central alemã dos sindicatos reformistas, tendo exercido uma actividade patriótica e auxiliado o capitalismo, que, muito agradecido, o cognominou de «um dos salvadores da economia nacional».

Com fundamento sólido, pronunciou Giolitti, o antigo chefe do governo italiano, as seguintes frases, no Senado, após a derrota dos operários que ocupavam as fábricas:

— Confiei na C. G. T. italiana e vê-se agora que ela soube honrar a minha confiança.

Junte-se a estes factos a deplorável atitude de Jouhaux e seus colegas na greve geral de 1919, em França, e ter-se há um quadro completo dos sindicatos reformistas do continente europeu, revelando, além dos erros cometidos pelos chefes, os resultados de uma política equívoca e de métodos

nocivos, as falhas de um sistema defeituoso e centralista.

Na greve geral inglesa, ocorrida no ano em curso, manifestaram-se novamente os efeitos do centralismo e da acumulação de poderes por um comité executivo. O fim lamentável dessa grandiosa luta deve atribuir-se apenas ao facto de o conselho local possuir as mais amplas faculdades para decidir da cessação de luta e, também, à circunstância de a coesão dos lutadores haver desorientado a eles próprios na precipitação das suas forças, determinando a próxima derrota.

Os factos apontados mostram que as organizações centralistas e reformistas que constituem a Federação Sindical Internacional (Amsterdão), não podem cumprir nenhuma das exigências da luta de classes em campo revolucionário. No passado e actualmente, estas organizações postergaram os interesses das classes trabalhadoras, que foram sacrificadas na colaboração com o capitalismo e com o estado burguês.

Além do que se expõe, veja-se que a forma centralista da organização da Internacional reformista, reconhecida também pelas organizações comunistas, embora elas sejam mais radicais, foi copiada das potências burguesas de opressão e fundada com o objectivo único, exclusivo, de manter as grandes massas em estado de submissão e escravatura que as torne incapazes de toda a acção emancipadora.

O ponto de vista da Associação Internacional dos Trabalhadores

A Associação Internacional dos Trabalhadores considera um dever iniludível por em guarda o proletariado, a fim-de que não atenda à influência proselitista da Internacional em Amsterdão nem à propaganda das organizações nacionais a ela aderentes.

Em vez de colaboração—luta de classes. Em vez de política conciliatória com os estados políticos coligados—guerra implacável a todos os governos. Repelir todos os contratos de salário e proclamar a greve parcial ou geral. Não legislação social, mas revolução social. Não acumular os poderes em mãos de vários, mas independência de acção de indivíduos e organizações. Em lugar de centralismo—federalismo.

Tais são os princípios que devem inspirar um legítimo movimento sindical revolucionário. A. I. T. é a única Internacional que, possuindo uma orientação libertária, se encontra em condições de luta contra a reacção e na possibilidade de orientar o proletariado no caminho da sua emancipação. (Recebido do «Serviço de Imprensa» da A. I. T.)

POR LOURENÇO MARQUES

As mentiras dum parlapatão sobre a obra dum Alto Comissário incompetente

Bartolomeu dos Mártires Severino, antigo repórter, exerceu em Lourenço Marques o cargo de Secretário do Interior, e, no desempenho de tais funções, manifestou-se sempre um tiranete balofo. As maiores violências cometidas contra os ferroviários foram por ele inspiradas ou mandadas.

Chegou há cerca de 1 mês, alparadando-se, sem explicar o terror que espalhou por terras africanas; mas, ensaiando vãos de homem entendido em cousas económicas, concedeu uma entrevista a um jornal da manhã que fez rebentar de riso os entendidos.

Entre outras cousas disse o bom Bartolomeu dos Mártires que o seu pai Vitor Hugo pagara muitas dividas. Ora isso já se sabe; mas sabia-se também, e isso mesmo foi dito ainda em *A Batalha* de 13 do corrente, em correspondência de Lourenço Marques—que Azevedo Coutinho, para a amortização das dividas, tinha aproveitado:

1.º Cerca de 100.000 e de 12.000 contos que encontrara em cofre quando em Novembro de 1924 assumira, de facto a administração de Moçambique;

2.º Os fundos destinados à assistência indígena (e lá está o Chefe do Serviço de Saúde a exigir que lho entreguem, segundo um relato do *Notícias* que *A Batalha* publicou, do que se passou em Conselho Legislativo—com o director de Fazenda a dizer que tendo sido preciso dinheiro se fôra buscar onde o havia, que os fundos seriam entregues... quando houvesse;

3.º Parte dos fundos de fomento das circunscrições;

4.º Algumas dotações hospitalares, pelo que chegaram a fechar os hospitais de Tete e Chibuto.

Donde se vê que, pagar com o dinheiro que outros economisaram ou à custa de dotações doutros serviços, não é virtude mas sim uma habilidade condenável que, visando a iludir os cegos, contribuiu simplesmente para a desorganização dos serviços donde escamotearam dinheiros.

Porisso, quem conhece o Bartolomeu e os factos, se ri dele e da sua prosa sem senso comum.

O «Mártir» Bartolomeu, tendo-se esquecido de esclarecer a sua despótica acção no conflito ferroviário de L. Marques, veio contudo a uma gazeta explicar que a costa de Moçambique vai ter diferentes postos rádio-telegráficos, maravilhas deixadas pelo seu amigo Azevedo Coutinho.

Não disse, porém, o impagável Severino, que alguns dos referidos postos já existiam quando Vitor Hugo foi nomeado *alto comensal*, que o material para outros já estava em Moçambique quando Azevedo Coutinho lá chegou, e que o restante material dos correios e telegráficos que se está aproveitando foi adquirido pelo crédito de 3 milhões e meio de libras.

Este Bartolomeu safu de todo «mártir» E' como o outro,—ou entra mosca ou sai asneira.

Melhor seria que Severino, enquanto

apara as pastilhas, explicasse por que código democrático-humanitário se regou para inventar o *vagão-fantasma*, as prisões em massa, os espedaamentos, os assaltos-buscas, as deportações.

O «Mártir» Bartolomeu, uma vez que esteve à frente do departamento indígena de Moçambique, quis, valendo-se duma gazeta que lhe aceitou a prosa, mostrar que se interessou pelo progresso intelectual e moral dos pobres pretos. Ora não é assim, como tem sido publicado pela *A Batalha*, porquanto:

As dotações da assistência indígena foram escamoteadas, e, disse-o o chefe dos Serviços de Saúde no Conselho Legislativo, tendo sido mandadas ordens para delegações de Fazenda, mandando fazer a entrega dos respectivos fundos, o impagável Bartolomeu telegrafara, em confidencial, ordenando o contrário.

Também em tempos *A Batalha* publicou largas considerações sobre uma história de mautura em Zavalá, por onde se provou que os indígenas eram obrigados a vender por dois, a porção que, 100 metros além dos limites de Zavalá, podiam vender por oito; e nessa história estava implicado Severino, autor do despacho que permitia semelhante abuso.

Também, por fim, o «Mártir» Bartolomeu fez premiar um administrador de circunscrição que, segundo depoimento de testemunhas, violava raparigas, pretas, filhas de régulos...

Que tal o interesse é protecção de Severino e o seu amigo Vitor Hugo, pelos pobres indígenas?...

Ainda na entrevista *bartolomeu* se espantou o ex-tirano dos ferroviários, dizendo coisas sobre veterinária e criação de gados. Escusado será dizer que Bartolomeu não sabe o que diz, e atribui ao amigo Vitor Hugo o que outros governadores fizeram.

Em verdade, o que Bartolomeu dos Mártires criou foi a fama de, tendo passado poucos meses por Moçambique, lhe ter chegado o tempo para arranjar concessões de terrenos, o que nunca conseguiram pessoas que por lá andaram e por lá andam 10, 15 e 20 anos.

Se, com Azevedo Coutinho no palácio, o regime imperante era o de confiança e de «pilha além»...

Por isso o grande «mártir» S. Bartolomeu, saudosamente rememora os dias lautos em que se empanurrava à razão de 180 libras mensais!

E acrescenta-se que o «democrático» Bartolomeu, tendo-se dado a reviravolta política de 28 de maio, tão agarrado estava à conciliação, que pediu a alguns apunhaçados para telegrafarem aos generais Gomes da Costa e Massano d'Amorim, pedindo a sua continuação...

Coerência de princípios... até às exigências da barriga.

Estante para livros compra-se res posta à administração da *Batalha*

Luta de classes

A greve do pessoal da Litografia Nacional

A pesar de todos os «trucs» e artimanhas dos patrões, o movimento iniciado por aquele pessoal mantém-se firme

PORTO, 24.—A classe litográfica reuniu em assembleia magna, no dia 22 do corrente, para apreciar as diversas fases da luta, tendo verificado o infame procedimento dos industriais em litigio, os quais têm recorrido aos processos mais torpes para vexar o seu pessoal e todos os operários desta indústria.

Os srs. «Soisas» que já têm recorrido à policia, por várias vezes, apresentando falsas denúncias contra os grevistas, por supostas agressões e ameaças destes para com os miseráveis «amarelos» que estão fazendo um simulacro de trabalho, dentro das oficinas,—resolveram, à última hora, armar de varapaus os inconscientes rapazes, se tem metido lá dentro, procedentes de várias outras indústrias, restabelecendo assim uma nova «Traulitânia», com sede em Malmerendas...

Além disso, já foi também recomendado, segundo nos consta, o uso da navalha e chicote (!) aos mesmos indivíduos que, tão lamentavelmente, estão fazendo o jogo vil desses usurários industriais, que lançam mão das mais tolas idiotices e repelentes canalhices, a fim-de pretenderem desmoralizar o movimento em curso e a classe litográfica, que tão nobremente e serenamente se tem sabido manter numa atitude digna, correcta e irrepreensível, em face da alucinada desorientação dos srs. «Soisinhos» empreiteiros e iniciadores no Porto duma nova «Traulitânia».

E' que os reaccionários e jesuíticos manejos dos srs. Sousas estão tentando reeditar uma nova série de crimes e de perseguições contra as regalias públicas e as aspirações do povo trabalhador!

A causa em que estes trabalhadores andam empenhados é tão lúida e tão justa, que todas as classes e tendências sociais se têm colocado moralmente ao lado das vítimas dos patrões mais despoitados do Porto. São constantes as provas de solidariedade recebidas na Associação dos Litógrafos desta cidade, manifestadas por todos os organismos operários e sociais, avultando entre elas o testemunho de solidariedade enviado pelos litógrafos espanhóis e o valioso auxílio moral material da Federação Internacional dos Trabalhadores da Litografia e Profissões Similares com sede em Bruxelas, poderosa e modelar organização que é a honra da classe litográfica de todo o mundo.

Manufactores de Calçado da casa Roque

Encontra-se em greve o pessoal da casa Roque, rua da Madalena, 113, por motivo deste industrial pretender baixar os salários, já diminutos, que os seus operários vinham recebendo.

Ficam, pois, avisados os manufactores de calçados e nenhum se deve prestar ao triste papel de traidores.

Ontem reuniu o pessoal resolvendo manter a sua recusa à oferta do industrial.

Trabalhadores de Tráfego

Reuniu em assembleia geral da Associação dos Trabalhadores de Tráfego para apreciar a conduta dos agentes e armadores de navegação quanto às regalias conquistadas pela classe, protestando acremamente a atitude da Empresa Tráfego Limitada na pessoa do seu representante sr. Amorim, deliberando a nomeação duma comissão para tratar junto dos mesmos senhores os acordos tratados entre estas agências e Empresa Tráfego Limitada.

Vida Sindical

Comunicações

Operários Barbeiros—Foram nomeados delegados à C. S. T. José Augusto de Moura, João Rodrigues de Oliveira e António Serrano. Foi resolvido officiar aos lojistas informando-os que a classe deseja fazer cumprir integralmente as horas das refeições. Nomearam delegados ao congresso local Alvaro Monteiro e Adriano Tibúrcio Lopes.

Federação do Ramo de Alimentação—A comissão executiva lembra aos sindicatos aderentes a conveniência que trará para a organização da indústria a rápida nomeação dos seus delegados ao conselho federal.

REUNEM HOJE

Federação da Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais—Pelas 20 horas, o conselho geral, com os assuntos pendentes do último conselho, que não se realizou.

Operários Alfaiates—Pelas 21 horas, a assembleia geral para preenchimento de cargos vagos e discussão da circular do congresso.

Impressores Tipográficos—Pelas 20 e meia horas, assembleia geral, para se ocupar da ordem de trabalhos já publicada. Não reunindo número legal de sócios à hora indicada, a assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Federação do Ramo da Alimentação—Pelas 20 horas, a comissão executiva para se ocupar dos trabalhos referentes aos sindicatos seus aderentes, e dar andamento aos trabalhos aprovados no congresso.

Federação Metalúrgica—Comissão Administrativa—Pelas 20 horas, não devendo faltar nenhum dos seus membros.

DIAS PRÓXIMOS

S. U. da Construção Civil—Secção de Pintores—Reúne amanhã, pelas 20 e meia horas, a assembleia geral para apreciar o parecer da Comissão Revisora de Contas e outros assuntos. Só poderão tomar parte nos trabalhos os camaradas que tenham a caderneta em dia.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa—Reúne hoje, pelas 20 e meia horas, o secretário central para assunto inadiável.

Relatório Moral e Financeiro da C. S. T.

a apresentar ao Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa

A Comissão Administrativa, tendo de apresentar ao Congresso o relatório moral e financeiro da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, tem a lembrar aos camaradas congressistas que a sua nomeação apenas data de alguns dias e que as suas delegacias à Câmara também são muito recentes: por esta razão fácil é de compreender que a Comissão Administrativa poucos conhecimentos tem da vida desta Câmara para poder apresentar-vos um extenso relatório de toda a acção que esta Câmara tenha tomado em favor do proletariado.

No entanto, não quis a Comissão Administrativa faltar a este dever e assim procurou adquirir elementos para a habilitar à confecção do presente relatório; baseando-se no relatório e parecer da Comissão Revisora de Contas ultimamente apresentado reconheceu esta Comissão Administrativa ser uma boa obra para lhe servir de base aos fins que desejava.

Refere-se esse relatório aos meses de Outubro de 1924 a Agosto de 1926 e por aí se constata que as Comissões Administrativas desta Câmara nem sempre têm sabido corresponder aos objectivos deste organismo, sendo por vezes cometidos erros. Não deseja esta Comissão vir trazer ao Congresso elementos para a discussão sobre os erros apontados e porisso passará a informar o Congresso da parte que lhe pode interessar. Durante o período que decorreu de Outubro de 1924 a Agosto de 1926 foram efectuados em Lisboa, sete movimentos e protestos, sendo alguns deles de grande valor moral para a organização, mas que lhe custou a importância de 5.805\$95.

Estes movimentos foram os seguintes: pro-prios deportados, greve dos Empregados dos Cafés e Restaurantes, Campanha antifascista, Protesto contra as touradas, Protesto contra as guerras, Campanha 1.º de Maio, Crise de Trabalho e Carestia de vida, tendo-se ainda realizado diversas sessões de propaganda. Também foi criada a Junta Sindical da Zona de Alfama, devido à dedicação de alguns camaradas daquele bairro.

O estado financeiro da Câmara se bem que não seja muito risonho também não é assustador, existindo actualmente um saldo de 566\$16.

Desejaria esta Comissão que a família proletária se interessasse mais pela sua organização, e como está reunido o Congresso, confia na boa orientação dos seus trabalhos para que a união de todos os trabalhadores se faça, a fim-de em breve poderem alcançar a sua emancipação.

Lisboa, 30 de Outubro de 1926.

A Comissão Administrativa

Alterações aos Estatutos da C. S. T.

a discutir no Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa

CAPITULO III

Do Conselho Geral

Artigo 11.º Cada sindicato far-se-á representar no Conselho Geral por três delegados, sendo um da comissão administrativa, sempre que lhe seja possível.

§ novo. Em casos excepcionais o Conselho Geral resolverá sobre o número de delegados a aceitar quando alguns dos sindicatos provem deficiências na sua organização.

Art. 12.º § 1.º O mandato dos delegados, sempre revogável, será renovado anualmente com a nomeação de mais três delegados ao Congresso, sendo estes com substituição os três delegados que constituam o Conselho Geral.

§ III—Eliminação deste parágrafo.

Art. 13.º O Conselho Geral reúne-se ordinariamente em 1.ª convocação com 1/3 dos sindicatos aderentes e em segunda convocação com qualquer número de sindicatos, sendo estas reuniões duas vezes por mês e extraordinariamente sempre que a Comissão Administrativa julgue conveniente.

§ único. Os trabalhos do Conselho Geral serão dirigidos por um presidente nomeado na mesma sessão, tendo como secretários um delegado do Conselho Geral e um delegado do Conselho Geral também nomeado na mesma sessão e o secretário administrativo que ficará com o encargo de confeccionar as actas das sessões, bem como todo o expediente das sessões.

§ novo. A abertura das sessões, a leitura do expediente e da acta, serão feitas pela mesa da última sessão, terminando o seu mandato com a aprovação da acta.

CAPITULO IV

Da administração

Artigo 17.º A administração da Câmara será entregue a uma Comissão de 5 membros, sendo um delegado por cada sindicato (um secretário geral, um adjunto, um administrativo, um tesoureiro e um arquivista), nomeada anualmente em Congresso local.

Art. 18.º § II. Pela Comissão Administrativa será elaborado um relatório no fim de cada ano sobre o estado moral e económico da Câmara, que será publicado para conhecimento dos sindicatos aderentes.

CAPITULO VI

Do Congresso anual

Artigo 28.º Cada organismo aderente ao Congresso far-se-á representar por 5 delegados, sendo dois efectivos e três novos que ficam pertencendo ao Conselho seguinte.

§ novo. Em casos excepcionais o Congresso deverá resolver qual o número de delegados a aceitar dos sindicatos que provem deficiências na sua organização.

CAPITULO VII

Artigo 32.º

a) Pelas cotas regulares dos sindicatos aderentes, à razão de \$05 centavos por cada sindicado e por mês.

1.º Propaganda, organização e resistência 3,75 %.

2.º Educação 5 %.

3.º Estatística 2 1/2 %.

4.º Secções e Juntas 3,75 %.

“A BATALHA” No Bureau de La Presse.

Regulamento e ordem de trabalhos do Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa

1.º Não tendo sido realizado em Dezembro último o congresso local e anual, como estipula o artigo 27 dos estatutos da C. S. T. por deliberação do conselho geral, reúne o congresso extraordinário em 30, 31 do corrente e 1.º de Novembro, para discutir e resolver sobre os trabalhos já sancionados em reunião do mesmo conselho.

2.º Podem tomar parte no Congresso todos os Sindicatos Operários que sejam confederados ou não, isto em conformidade com o que diz o capítulo VI dos estatutos da C. S. T.

3.º E' estabelecida a quota de 25\$00 para cada Sindicato confederado, sendo facultativa a quota de adesão ao Congresso para os Sindicatos não confederados.

4.º A comissão administrativa da C. S. T. que também é a comissão organizadora do Congresso compete:

a) A abertura do Congresso e a orientação dos trabalhos do mesmo.

b) Indicar ao Congresso os camaradas que devem constituir a mesa da sessão seguinte.

5.º A mesa será constituída por um presidente e dois secretários, nomeados em cada sessão do Congresso.

6.º Para o seu bom funcionamento o Congresso sanciona a escolha de dois camaradas da comissão administrativa, para secretários gerais do Congresso, a fim-de confeccionarem as actas, registar e arquivar os documentos do Congresso.

7.º Na sessão preparatória serão nomeadas a comissão revisora de mandatos, que será constituída por cinco congressistas, e a comissão de pareceres, que será constituída por três congressistas.

a) Nesta sessão também será feita a leitura, discussão e votação do regulamento do Congresso.

8.º Os documentos enviados à mesa e sobre os quais não incida urgência, baixarão à comissão de pareceres, cujo relatório será lido na primeira parte da última sessão.

9.º A ordem dos trabalhos será exclusivamente limitada aos assuntos marcados na ordem dos trabalhos do Congresso.

10.º As sessões abrem rigorosamente à hora indicada seja qual for o número de congressistas presentes e não funcionará mais de três horas, salvo se o prolongamento da sessão for requerido e aprovado pelo Congresso.

11.º Antes da ordem dos trabalhos à excepção das sessões preparatórias do encerramento, haverá um período de meia hora para apresentação de qualquer assunto que lhe seja estranho.

12.º A ordem dos trabalhos do Congresso deverá ser respeitada e para isso devem os congressistas procurar serem breves nas suas considerações, a fim-de que o Congresso não tenha de marcar o tempo a conceder a cada congressista para fazer uso da palavra.

13.º As teses devem ser lidas no Congresso pelos seus relatores, sendo permitido a estes e à Comissão Organizadora do Congresso usar da palavra sempre que julguem necessário ter de prestar esclarecimentos sobre as teses em discussão.

14.º O Congresso sanciona a seguinte ordem de trabalhos:

Sábado, 30 de Outubro, às 21 horas: Sessão preparatória, abertura do Congresso, leitura do expediente, chamada dos congressistas, nomeação da Comissão Revisora de Mandatos, leitura, discussão e votação do regulamento do Congresso e nomeação da Comissão de Pareceres.

Domingo, 31 de Outubro, às 9 horas: 1.ª sessão ordinária; Leitura do relatório moral e financeiro da C. S. T.; Leitura das alterações a fazer aos estatutos da C. S. T.; Discussão e votação destes trabalhos.

A's 15 horas, 2.ª sessão ordinária: Discussão das teses Inquilinato e Crise e Horário de Trabalho.

A's 21 horas, 3.ª sessão ordinária: Discussão da tese Unidade Sindical.

Segunda feira, 1 de Novembro, às 21 horas, sessão de encerramento; nomeação da Comissão Administrativa da C. S. T.

Parecer da Comissão Revisora de Pareceres e encerramento do Congresso.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

Da Liga das Artes Gráficas de Santarém à organização Operária

A Liga das Artes Gráficas de Santarém enviou-nos, com o pedido de publicação, a nota officiosa que a seguir inserimos:

«A Liga das Artes Gráficas de Santarém que até hoje tem cumprido conscientemente com todos os seus deveres sindicais, tem vindo apreciando a maneira pouco leal com alguns organismos do Norte, julgam da sua posição perante a F. T. L. J. S., a propósito da nomeação dum dos seus delegados no Conselho Federal daquele organismo, à C. G. T., porquanto não só este sindicato tem igualdade de direitos na federação, como o equívoco em questão reúne as qualidades necessárias de honorabilidade e coerência sindicalista, para poder representar aquele organismo na central dos sindicatos portugueses.

Consistadas estas razões, que abonam pouco a lealdade e honestidade de processos revolucionários, a Liga das Artes Gráficas de Santarém resolve: protestar contra as insidias dos organismos gráficos do Norte, que têm tratado do assunto; ratificar a sua confiança como delegados ao Conselho Central da F. T. L. J. S., aos camaradas António de Carvalho e António Monteiro e saudar o dito Conselho pela sensata atitude adoptada na questão dos delegados ao Conselho Confederal.

Contra os desmandos da Moagem

Consta que pelo ministério da Agricultura vão ser tomadas energicas medidas não só contra os desmandos da Moagem e Panificação como ainda contra todos aqueles que procuram dificultar a obra de saneamento que o mesmo ministério sem mais delongas se propõe levar a efeito.

Uma nota officiosa do ministério da Agricultura sobre carestia e assambarcadores

Do ministério da Agricultura pedem-nos a publicação da seguinte nota officiosa:

«No jornal *Diário de Notícias*, de 22 do corrente, um dos mais ilustres membros da Direcção da Associação Central de Agricultura em nome desta colectividade, critica o tabelamento dos géneros classificando-o de medida contraproducente, insurgindo-se também contra a lei que castiga não só os assambarcadores como ainda os que adulteram os produtos essenciais à alimentação pública.

E' interessante referir que aquele organismo que agora classifica os tabelamentos como contraproducentes tivesse tabelado o trigo, elemento fundamental das substâncias, pelo preço que lhe aprouve, 1\$50 cada quilo, cifra esta que foi aceite, no louvável propósito de proteger a lavoura nacional estimulando-se assim a produção cerealífera.

Sucedo ainda que a mesma Associação Central de Agricultura não satisficte com o preço que fixou para o trigo propôs também maneira desse mesmo produto lhe ser pago imediatamente pelo Estado, situação de privilégio que também conseguiu, dos poderes públicos graças ao propósito do Governo em alargar mais a sua protecção à lavoura.

Ninguém ignora que se porventura se tivesse adoptado logo de início o comércio livre dos géneros de primeira necessidade, como aliás é preconizado por vários organismos, entre eles a A. C. A., a moagem recorria de preferência ao trigo exótico que nos fica aqui por um preço sensivelmente inferior, podendo, portanto, fabricar-se um pão também mais barato. O trigo nacional ver-se-ia assim prejudicado pelo trigo exótico, a menos que a lavoura estabelecesse concorrência baixando o preço do seu produto.

Como é, pois, que a A. C. A. depois de ter tabelado o seu trigo pelo preço que lhe convinha e em condições excepcionais de pagamento vem agora protestar contra os tabelamentos classificando-os de contraproducentes?

Mas há mais; o mesmo organismo colaborou também na determinação da taxa a fixar à moagem e à panificação.